


A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: José Carlos do Amaral Junior  
E-mail: jcamaral1987@gmail.com  
Instituição: Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, Brasil

Submetido: 22/03/2020  
Aprovado: 28/04/2020  
Publicado: 01/06/2021

 10.20396/rho.v21i00.8658830  
e-Location: e021019  
ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**  
AMARAL JUNIOR, J. C. do;  
ALVES, A. E. S. Elementos para a construção de uma gênese do ensino de economia doméstica: “a treatise on domestic economy” de Catherine Beecher. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-18, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8658830. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658830>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA GÊNESE DO ENSINO DE ECONOMIA DOMÉSTICA: “A TRATISE ON DOMESTIC ECONOMY” DE CATHERINE BEECHER



**José Carlos do Amaral Junior\***

Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná



**Ana Elizabeth Santos Alves\*\***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

### RESUMO

Esse artigo analisa os elementos centrais que tangenciam a gênese da Economia Doméstica de meados do século XIX. O objetivo central foi apreender, a partir da obra “*A Treatise on Domestic Economy*” de Catherine Beecher, quais as características principais dessa proposta que surgiu por volta de 1840 e se tornaria mais tarde um projeto educativo para as mulheres difundido pelo mundo, incluindo o Brasil. Foi possível perceber que, conforme suas contingências históricas, a Economia Doméstica surgiu ancorada na reprodução das tradições, na divisão sexual do trabalho e nos avanços técnico-científicos da época. Assim, pretendeu inaugurar uma linha específica para a educação feminina, baseada em preceitos liberalistas, morais e cristãos. Diferentemente do que seria observado décadas mais tarde, essa proposta inicial de Economia Doméstica se realizou mais em torno de uma visão harmônica das tradições e da divisão sexual do trabalho, do que das noções higienistas e científicas. Essa análise possibilitou perceber que a Economia Doméstica não foi um projeto educativo que surgiu no século XX, mas teve um longo e característico processo de gênese nas mudanças sociais ocorridas no século XIX. Por sua vez, essa compreensão auxilia a entender os distintos formatos pelos quais o ensino de Economia Doméstica foi difundido pelo mundo como uma proposta amplamente aceita de educação feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia doméstica. Educação. Mulheres.

**ELEMENTS FOR BUILDING A GENESIS OF HOME ECONOMICS  
EDUCATION: “A TRATISE ON DOMESTIC ECONOMY” BY CATHERINE  
BEECHER**

**Abstract**

This article aimed to analyze the central elements of the emergence of Home Economics in the mid-19th century. The main objective was to learn, from Catherine Beecher's work “A Tratisse on Domestic Economy”, which are the main characteristics of the proposal that appeared around 1840 and would later become an educational project for women spread around the world, including Brazil. It was possible to verify that, according to its historical contingencies, the Home Economics emerged anchored in the reproduction of traditions, in the sexual division of labor and in the technical and scientific advances of that time. Thus, it intended to inaugurate a specific line for female education, based on liberalist, moral and Christian precepts. In a different way than what would be observed decades later, this initial proposal of Home Economics came about more around a harmonious vision of traditions and the sexual division of labor, than of hygienist and scientific notions. This analysis made it possible to realize that Home Economics was not an educational proposal that emerged in the 20th century, but had a long and characteristic process of genesis in the social changes that occurred in the 19th century. In turn, this reflection helps to understand the different formats by which the teaching of Home Economics was spread around the world as a widely accepted proposal for female education.

**Keywords:** Home economics. Education. Women.

**ELEMENTOS PARA CONSTRUIR UNA GÉNESIS DE LA EDUCACIÓN EN  
ECONOMÍA DOMÉSTICA: “A TRATISE ON DOMESTIC ECONOMY” DE  
CATHERINE BEECHER**

**Resumen**

Este artículo analizó los elementos centrales del surgimiento de la economía doméstica a mediados del siglo XIX. El objetivo principal era aprender, del trabajo de Catherine Beecher "A Tratisse on Domestic Economy", cuáles son las principales características de la propuesta que apareció alrededor de 1840 y que luego se convertiría en un proyecto educativo para mujeres en todo el mundo, incluyendo Brasil. Era posible percibir que, de acuerdo con sus contingencias históricas, la Economía Doméstica surgió anclada en la reproducción de tradiciones, en la división sexual del trabajo y en los avances técnico-científicos de la época. Por lo tanto, pretendía inaugurar una línea específica para la educación femenina, basada en preceptos liberales, morales y cristianos. A diferencia de lo que se observaría décadas después, esta propuesta inicial de Economía Doméstica se llevó a cabo más en torno a una visión armoniosa de las tradiciones y la división sexual del trabajo, que de las nociones higienistas y científicas. Este análisis permitió darse cuenta de que la Economía Doméstica no era una propuesta educativa que surgió en el siglo XX, sino que tenía un largo y característico proceso de génesis en los cambios sociales que ocurrieron en el siglo XIX. A su vez, esta comprensión ayuda a comprender los diferentes formatos por los cuales la enseñanza de la Economía Doméstica se extendió por todo el mundo como una propuesta ampliamente aceptada para la educación femenina.

**Palabras clave:** Economía doméstica. Educación. Mujeres.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta uma análise acerca das principais características da gênese da Economia Doméstica nos EUA em meados do século XIX, a partir das contribuições de Catherine Beecher, considerada “pioneira” da área<sup>1</sup>. O objetivo empreendido nesse movimento analítico reside em compreender os elementos constituintes de uma proposta que ganhou grande popularidade no início do século XX, capilarizando-se na educação formal e não formal: a Economia Doméstica.

A Economia Doméstica foi implementada no Brasil por volta de 1909, acompanhando um movimento mais ou menos global de difusão de um conjunto de conhecimentos sobre o doméstico que despontava no início do século XX como alternativa para o ensino feminino. (OLIVEIRA, 2006). Nessa época, sob o nome de *Home Economics*, a proposta veiculava certa cientificação e normatização do doméstico como projeto de disciplina acadêmica orientada especificamente às mulheres, cujo objetivo maior era prepará-las para lidar com a “complexificação” vivenciada pela sociedade<sup>2</sup>. Longe de ser um fenômeno isolado, entende-se que a Economia Doméstica se difundiu no cenário que, como expõe Hobsbawm (2018), representava uma nova conformação do capitalismo, baseada na expansão de um mercado mundialmente estruturado, promovendo a emergência de verdadeiros impérios e do contraste moderno/atrasado. Resultado de seu tempo, a Economia Doméstica tem a marca de uma proposta para a educação específica das mulheres, adequando-as para as exigências de uma sociedade que vivenciava expressivas mudanças em todas as esferas.

O Brasil registraria o apogeu da Economia Doméstica apenas mais tarde, a partir da década de 1950, quando a proposta estadunidense encontraria reverberação nos acordos de cooperação com os EUA e na formulação de uma política de Estado específica: a extensão rural. (PINHEIRO, 2016). Até então, meio século separa o projeto brasileiro daquele preconizado pelas pioneiras estadunidenses que, reuniram-se na *Lake Placid Conference* em 1901 e construíram o primeiro manifesto que fundou a *Home Economics*. Esse é comumente o ponto histórico demarcado como o surgimento da Economia Doméstica, reforçando assim a ideia de que essa proposta é resultado direto de uma mentalidade científica da virada do século, em que predominavam os traços higienistas e normatizadores sob o doméstico.

No entanto, é possível imputar à vontade de um grupo específico de mulheres - mesmo que usufruindo de relativo poder político - a responsabilidade pelo surgimento da Economia Doméstica? Estamos inclinados a defender que a versão institucionalizada no século XX é um formato a parte, reestruturado a partir dos elementos centrais que emergiram em torno da proposta em meados do século XIX, e impulsionados por uma série de mudanças sociais que ocorrerem, principalmente, entre 1880 e 1900. Assim, é preciso voltar o olhar para essa outra proposta que emergiu no século XIX, considerando-a em suas contingências históricas. Por isso, é importante compreender quais desses elementos estão presentes

naquele que é considerado o “marco zero” da Economia Doméstica, enquanto uma tentativa de sistematizar uma “nova” área de saber e ensino.

Dessa maneira, buscamos apreender, a partir da análise de “*A Treatise On Domestic Economy*” (1841) de Catherine Beecher, quais as contingências históricas e principais elementos em torno do surgimento da Economia Doméstica nos EUA. Compreende-se que esse movimento analítico possibilitará perceber as nuances históricas dos distintos formatos de ensino em Economia Doméstica que foram mais tarde difundidos pelo mundo - incluindo o Brasil - e quais desdobramentos acerca da divisão social e sexual do trabalho, da eugenia, da lógica produtiva e reprodutiva estão neles imputados.

## **A TRATISE ON DOMESTIC ECONOMY” DE CATHERINE BEECHER**

Catherine Beecher é, certamente, um dos principais nomes ao se tratar do surgimento da Economia Doméstica. Ela é comumente definida como uma educadora liberalista que defendia a reforma social, a educação feminina e criticava as sufragistas. (HEGGESTAD, 2005). Beecher tem dois diferenciais notáveis em relação às demais autoras da área no século XIX: em primeiro lugar, o caráter extremamente político de suas publicações, uma marca familiar que, como demonstram Heggstad (2005) e Lopes (1995) pode também ser percebido nas publicações de sua meia-irmã, abolicionista; em segundo, a introdução dos componentes técnicos frequentes à Economia Doméstica sob um discurso explicitamente moralista, fundado nos preceitos do liberalismo e do cristianismo. Não que a Economia Doméstica tenha se livrado desses componentes, mas talvez sua forma mais explícita esteja mesmo objetivada nas páginas de “*A Treatise On Domestic Economy*”.

Em português, apenas dois trabalhos mencionam com maior densidade esse marco da Economia Doméstica: aquele apresentado por Lopes (1995) e por Simão (2016). Nos parece coerente a abordagem de ambos os trabalhos sobre os princípios de Beecher, sua orientação política e sua defesa de uma sociedade solidariamente dividida entre homens e mulheres como indicativo de progresso. Simão (2016) se atém exclusivamente a essa abordagem da obra, limitando-se a contextualizar a perspectiva político-ideológica de Beecher, enquanto Lopes (1995) faz conexões mais claras entre esses elementos e o conteúdo do livro. No entanto, em ambos os casos o livro não é descrito nem nas referências bibliográficas, nem nos documentos consultados, o que faz entender que os autores se limitaram a analisar a obra pelo olhar de outros autores.

A ideia de analisarmos o livro vai além de seu marco histórico para a Economia Doméstica. Sendo um dos primeiros livros que usam o termo “*Domestic Economy*” - senão o primeiro - “*A Treatise On Domestic Economy*” auxilia a compreender os elementos que estavam presentes nas primeiras tentativas de instituir a Economia Doméstica. No livro, Catherine Beecher (1841) demonstra constância de três desses elementos centrais: (1) a divisão sexual do trabalho entendida de um ponto de vista positivo e explicitamente

defendida; (2) a justificativa moralista-cristã-política para a constituição da área de conhecimento proposta; e (3) a emergência das ciências exatas e biológicas como sistematizadoras da vida cotidiana. Poderíamos ainda citar, talvez, um quarto elemento, que reside na fixação da autora pela valorização da atividade física. No entanto, compreende-se que essa tratativa aparece em decorrência da prevalência justamente do que apontamos como terceiro elemento.

O livro de Beecher é um trabalho denso, que em algumas versões chega a ter quase 350 páginas. Os quatro primeiros capítulos são aqueles cuja proposta político-ideológica de Beecher fica mais clara. A partir daí, a autora utiliza outros trinta e três capítulos para tratar das temáticas específicas que, segundo sua opinião, devem integrar a proposta da Economia Doméstica. E de fato, o tom recorrente no livro é esse: de que a autora está apresentando uma proposta de ensino feminino que deveria ser amplamente difundida e reforçada. Beecher cita diversas experiências para embasar sua proposta de ensino especificamente feminino e voltado à Economia Doméstica, mas reforça em contrapartida que está lançando as bases para uma proposta inovadora. Na forma como está elaborado, “*A Treatise...*” se apresenta como uma proposta inicial - por isso recorre ao termo “Tratado”, tipologia de literatura comum à época, conforme demonstra Perrot (2019).

As justificativas para a proposta apresentada por Beecher que está desenvolvida em trinta e sete capítulos está na introdução do livro: preparar a mulher para a sua função diante da sociedade, colocando-a no seu “lugar” para auxiliar na construção do que seria, na perspectiva da autora, um país livre. Beecher deixa bastante clara sua filiação aos preceitos do liberalismo e do cristianismo, relacionando sua visão social da mulher com um “lugar destinado” a ela na sociedade. Segundo a autora “*The principles of democracy, then, are identical with the principles of Christianity*”<sup>3</sup>. (BEECHER, 1841, p. 26).

Beecher propõe que seja estabelecida certa ordem em função do “bom” funcionamento da sociedade e de suas instituições democráticas, em detrimento daqueles pensamentos e condutas que ela considera egoístas. A autora aborda explicitamente no livro esse “egoísmo” do ponto de vista das reivindicações das mulheres por igualdade perante aos homens. Sua crítica está especificamente direcionada aos movimentos europeus da época, sob o forte argumento de que a sociedade depende da subordinação para sua estabilidade. Essa subordinação, explica Beecher, está nas relações entre pais e filhos, empregadores e empregados, marido e esposa. Não parecia de bom tom, na perspectiva da autora estadunidense, os movimentos femininos observados na Europa.

A divisão sexual do trabalho é, portanto, um dos elementos centrais na obra de Beecher. Primeiro, porque serve de fundamento para a constituição de sua proposta de ensino feminino. Segundo, porque se apresenta para a autora como algo extremamente natural e necessário de se manter, visto que é a única possibilidade de se garantir o desenvolvimento de uma nação harmônica e livre. Hirata e Kergoat (2007), demonstram que essa visão de complementariedade entre as atribuições aos diferentes sexos é puramente funcionalista.



Além disso, mesmo em sua defesa funcionalista da divisão sexual do trabalho, Beecher demarca os elementos de separação e hierarquia entre os sexos, que conforme demonstram Hirata e Kergoat (2007) são características importantes para se compreender essa relação de diferenciação. Em primeiro lugar, Beecher argumenta a favor de que os homens assumam a vida pública, a política e a ciência - argumento que a Economia Doméstica vai buscar alterar mais tarde, na virada do século, quando tentar se estabelecer como disciplina científica. Para a autora, as mulheres não teriam vantagens em assumir esses “postos masculinos” e perderiam seus privilégios que estariam dados nessa “equidade pela diferenciação”. Daí decorre o segundo ponto argumentativo, a partir do qual a mulher deveria ser submissa ao marido. Beecher defende que nenhuma mulher deve se casar, caso não deseje, mas que uma vez tenha escolhido seu marido e o matrimônio, deve submeter-se às suas regras para garantir o bem estar familiar. Nesse ponto de desenvolvimento do tratado, as justificativas ancoradas no cristianismo aparecem com frequência, constantemente servindo de ponte para a garantia de uma nação livre e próspera. Segundo a autora, as instituições democráticas dos EUA refletem o princípio do cristianismo e garantem às mulheres a equidade necessária justamente pela diferenciação.

Como demonstra Alves (2013) a divisão sexual do trabalho nas sociedades capitalistas tem estreita conexão com o trabalho produtivo/reprodutivo que, no contexto de desenvolvimento das forças produtivas, começa a separar-se da unidade de produção e consumo familiar. Hobsbawm (2018, p. 305) descreve que “[...] o segundo efeito da industrialização em relação à posição feminina, e o mais importante, foi ainda mais drástico: separou a casa do local de trabalho.” Beecher escreve no seio desse contexto em que, os EUA tradicionalmente agrário vivenciavam uma separação entre esses dois mundos.

Em “*A Tratise...*” à mulher está claramente destinado o mundo da reprodução, considerado como naturalmente seu e socialmente importante que assuma tais funções para garantir certa coesão social: “[...] *the proper education of a man decides the welfare of an individual, but educate a woman, and the interests of a whole family are secured*”<sup>4</sup>.” (BEECHER, 1841, p. 37). As conexões da Economia Doméstica com certo “vocacionalismo” se fazem notáveis desde seus primórdios, representando tudo aquilo que no bojo da divisão sexual do trabalho, era entendido como atribuição natural das mulheres. (LOURO; MÉYER, 1993).

Beecher também constrói seu argumento de divisão sexual do trabalho - e é importante ressaltar que ela não conhecia e não utilizou propriamente essa terminologia - em torno de uma arguição comparativa com as sociedades europeias, em especial a Inglesa. Sua visão é de que as mulheres estadunidenses eram superiores, pois estavam “predestinadas” a construir uma nação diferente, desígnio atribuído pelo “criador”. São inúmeras as passagens em que a autora critica arduamente a sociedade Inglesa, censurando seu estilo aristocrata, falta de mobilidade social e pouca habilidade das classes mais abastadas para lidar com o trabalho. Segundo a autora, as mulheres estadunidenses<sup>5</sup> herdaram bons costumes dos

ingleses, mas foram capazes de ir além na medida em que não se encontravam presas aos atrasos da monarquia e aristocracia. Segundo Beecher (1841, p. 44):

No women on earth have a higher sense of their moral and religious responsibilities, or better understand, not only what is demanded of them, as housekeepers, but all the claims that rest upon them as wives, mothers, and members of a social community. An American woman, who is the mistress of a family, feels her obligations, in reference to her influence over her husband, and a still greater responsibility in rearing and educating her children. She feels, too, the claims which the moral interests of her domestics have on her watchful care. In social life, she recognises the claims of hospitality, and the demands of friendly visiting. Her responsibility, in reference to the institutions of benevolence and religion, is deeply realized.<sup>6</sup>

A constante censura aos modos aristocráticos, longe de ser um comportamento isolado, representa uma negativa comum à época de reproduzir os valores da antiga aristocracia europeia, cultuando os valores liberais que a burguesia em ascensão exigia. (HOBBSAWM, 2018). A única diferenciação negativa em relação às mulheres inglesas, segundo a autora, era que as mulheres estadunidenses não estavam fisicamente preparadas para lidar com todo o esforço e demanda física que sua “missão social” exigia. Por isso, é bastante frequente que Beecher vincule toda sua proposta ao argumento duplo de que as mulheres deveriam usar as atividades domésticas para se exercitarem mais e alcançar melhores condições de saúde, ao passo que deveriam também ser menos sedentárias para dar conta de todo o trabalho doméstico demandado.

Uma digressão é importante nesse ponto. Beecher escreve em um contexto abolicionista tensionado nos EUA, que viria a atingir seu apogeu com a Guerra da Secessão em 1861. Sua meia irmã, Harriet Beecher Stowe, conforme demonstra Heggstad (2005), foi uma conhecida abolicionista. Beecher, portanto, escreveu “*A Tratisse...*” em um contexto de crise que assolava as classes mais abastadas, de uma forma que ela descreve como “ausência de empregados qualificados” para as atividades domésticas, despreparo das jovens moças para substituir os antigos empregados e inabilidade dos imigrantes estrangeiros para o serviço doméstico no contexto dos EUA. Dessa maneira, a autora legisla oficialmente pela ocupação da mulher - de qualquer classe social - de seu lugar “natural e divino” enquanto responsável pelo doméstico. Esse argumento ganha contornos mais efetivos quando Beecher direciona uma crítica incisiva sobre o costume aristocrático inglês de reconhecer o trabalho como degradante nas classes mais abastadas. A autora defende que, para constituir uma nação superior, o trabalho deve ser entendido como dignificante e de responsabilidade de todos - princípio fortemente alinhado ao discurso liberalista que pregava e que era predominante nas instituições estadunidenses da época.

O contexto da educação feminina era também bastante precário nos EUA. As mulheres raramente possuíam chances para a educação formal, sobretudo porque a popularização de certas instituições educativas só viria a acontecer mais tarde, em 1862, com

o *Morril Act*. Beecher não recebera educação adequada e defendia que as mulheres tivessem o acesso ao ensino formal ampliado e garantido. (HEGGESTAD, 2005). No entanto, acreditava que esse ensino não deveria se dar pelas disciplinas que compunham o ensino majoritariamente destinado aos homens. A educação feminina deveria privilegiar as “artes domésticas” pois era a maior demanda percebida para a qual as mulheres estadunidenses não estavam adequadamente preparadas. Esse discurso oficial do “despreparo da mulher” para assumir as atividades domésticas será uma marca histórica por mais de um século da Economia Doméstica e, como demonstrado, está fundamentado em um contexto bastante específico de mudanças sociais que ocorriam em um país marcado pelas tensões abolicionistas e emergência de um discurso liberal. Mas não se deve insistir no erro que, embora aparentemente o discurso se mantenha, ele tenha sempre a mesma origem objetiva.

Para preencher essa “lacuna” exposta pelo discurso de tensão, Beecher defendia que uma instituição educativa específica deveria ser pensada para as garotas, em que o “preparo intelectual” fosse secundário em detrimento ao preparo para as atividades domésticas. A autora argumenta que as mulheres deveriam ser inseridas no trabalho doméstico com cerca de seis anos de idade, aumentando seu nível de responsabilidade e volume de trabalho na medida em que forem crescendo, atingindo aos 14/15 anos o apogeu em que a maior parte de seu dia a dia esteja ocupado com as tarefas domésticas. Por isso, Beecher defende um ensino vespertino, que seja capaz de liberar a mulher para seus afazeres domésticos pela manhã e à noite.

Importante ressaltar que algumas instituições com essa orientação já existiam nos EUA, em número pequeno. Beecher defende que esse modelo de ensino seja fomentado, democratizado e amplamente difundido. Sua análise era de que essas instituições deveriam dividir seus currículos entre as artes domésticas - preparadas com mediação de bastante exercícios físicos - e outros conteúdos, como música, disciplina mental, desenho e pintura. Uma das instituições visitadas e descritas por Beecher no livro era um internato para meninas acima de 14 anos, cuja direção era de um padre. A autora se demonstrou, inclusive, extremamente favorável à instituição feminina ser dirigida por um religioso do sexo masculino, visto que reforçava a imagem da mulher hierarquicamente dependente do homem, uma figura “paterna” e “protetora”.

A perspectiva educativa proposta por Beecher é, portanto, puramente pragmática. Ela justifica a emergência da Economia Doméstica como modelo de ensino feminino porque seus conteúdos eram aqueles mais úteis às mulheres fora do ambiente escolar. Em diversas passagens do livro a autora reforça que o investimento intelectual das mulheres - como em artes e literatura - deveria ser secundário. Segundo ela, o ensino de Economia Doméstica deveria ser o modelo predominante porque a condição dos serviços domésticos era precária, as mulheres estariam mais aptas a exercer essas atividades, a passar esses conteúdos adiante e a supervisionar aqueles empregados que estivessem sob sua responsabilidade. Esse modelo, distante de ser ocasional, encontra na própria reconfiguração do trabalho no século XIX seu arcabouço:



O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. "Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos", declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. (PERROT<sup>7</sup>, 2017, p. 187).

A partir dessa marca, Beecher apresenta no livro trinta e três capítulos cujo conteúdo é uma sugestão de composição desse ensino em Economia Doméstica, naturalizante e vocacionalista. Vale notar que há uma prevalência de conteúdos relacionados à biologia, como descrição do funcionamento anatômico e fisiológico do corpo humano. A autora se apropria dos avanços obtidos em áreas como a medicina - em especial a medicina nutricional - aplicando-os ao contexto doméstico. Não obstante, se atém também à temáticas diversas como decoração, iluminação, cuidados com o celeiro, hortas e pomares. O conceito de atividades domésticas para Beecher se apresenta bastante amplo, e as responsabilidades atribuídas às jovens moças englobam desde um cuidado atencioso com a saúde familiar, ao cuidado com a pequena produção doméstica e o comportamento moral e educativo. Há um capítulo inteiro, por exemplo, destinado à importância de a mulher acordar cedo, cujo título é "*On Early Rising*"<sup>8</sup> e dialoga claramente com as críticas incisivas que a autora direciona aos hábitos aristocráticos ingleses.

Os aspectos de ordem e política tornam a aparecer nos capítulos "*On Domestic Manners*"<sup>9</sup> e "*On Habits of System an Order*"<sup>10</sup> cuja linha principal é estabelecer um conjunto de boas maneiras e procedimentos que alinhem as mulheres às propostas da nação, às relações de hierarquia e à visão de superioridade e refinamento do comportamento estadunidense.

Beecher descreve que daí vem a verdadeira ascensão da mulher nos EUA: de sua grande contribuição com a família que, se bem executada, seria reconhecida por toda a nação e adequadamente recompensada. Por isso, a mulher deveria dedicar a maior parte de seu tempo aos afazeres domésticos, seguido por algum investimento em seu intelecto e seus compromissos com a religião e a caridade. Assim, a Economia Doméstica de "*On Tratisse...*" se alinha a uma visão social da mulher bastante específica, pois nas palavras de Beecher (1841, p. 157):

She has a husband, to whose peculiar tastes and habits she must accommodate herself; she has children, whose health she must guard, whose physical constitutions she must study and develope, whose temper and habits she must regulate, whose principles she must form, whose pursuits she must direct. She has constantly changing domestics, with all varieties of temper and habits, whom she must govern, instruct, and direct; she is required to regulate the finances of the domestic state, and constantly to adapt expenditures to the means and to the relative claims of each department. She has the direction of the kitchen, where ignorance, forgetfulness, and awkwardness, are to be so regulated, that the various operations shall each start at the right time, and all be in completeness at

the same given hour. She has the claims of society to meet, calls to receive and return, and the duties of hospitality to sustain. She has the poor to relieve; benevolent societies to aid; the schools of her children to inquire and decide about; the care of the sick; the nursing of infancy; and the endless miscellany of odd items, constantly recurring in a large family<sup>11</sup>.

Esse é, portanto, o contexto do surgimento da Economia Doméstica enquanto uma proposta educativa para mulheres. Sua centralidade na família é um reflexo de determinado posicionamento da mulher, com marcada presença de elementos liberais e religiosos. Os conteúdos sob os quais se instituiu denotam uma apropriação de áreas ora bem desenvolvidas da ciência, ora mais alinhadas à conceitos estéticos ou costumes, uma marca da Era do Capital descrito por Hobsbawm (2018) e pelo nível de desenvolvimento técnico-científico da época. Sua emergência enquanto uma proposta universal de educação feminina também deve ser considerada, pois reflete um contexto igualmente específico de divisão sexual do trabalho. A categoria "mulher" parece ter um recorte de classe também determinado, destinado às mulheres da classe média, a quem se exigia maior rigor nos papéis valorativos.

De forma bastante geral, "*On Tratise...*" demonstra muitas constâncias que se perpetuarão na Economia Doméstica do século XX, que surgirá nos EUA com outra nomenclatura na virada do século, a de *Home Economics*. Mas algumas mudanças também são percebidas, sobretudo nas décadas que caminhariam para o fim do século XIX. O *Morril Act* de 1862 institucionalizaria os *Land-Grant Colleges* (UNITED STATES GOVERNMENT, 1862) que, por sua vez, fomentariam o crescimento da Economia Doméstica em torno do ensino formal, corroborando com sua popularização enquanto "campo científico". Na medida em que essa transição se concretizava, ao que parece, a proposta inicialmente formulada por Catherine Beecher precisou despir-se de alguns elementos para se adequar tanto à lógica prevalente do capitalismo da virada do século, quanto aos paradigmas científicos e às normas escolares. Esse é, no entanto, tema para trabalhos posteriores.

## **A CONSTITUIÇÃO DE UMA GÊNESE: ELEMENTOS CENTRAIS DA ECONOMIA DOMÉSTICA DO SÉCULO XIX**

É preciso situar, portanto, a Economia Doméstica do século XIX. Enquanto ideias em torno das quais estavam estruturadas, ideologicamente, destacam-se três eixos centrais: (1) a naturalização das atribuições femininas, expressa em determinado vocacionalismo para efetivar uma certa divisão sexual do trabalho; (2) o caráter reprodutivo de seus pressupostos, buscando preparar as mulheres para exercer seus "postos" na sociedade enquanto mantenedoras das condições básicas necessárias para reprodução da força de trabalho; e (3) a emergência dos componentes técnicos que deveriam incidir sobre a vida cotidiana doméstica.

A divisão sexual do trabalho não é algo exclusivo das sociedades capitalistas, o que não significa dizer que o capitalismo deixe de se aproveitar dessa divisão promovida na organização da própria sociedade para dela tirar uma série de vantagens. (HARVEY, 2016). Toda divisão do trabalho pressupõe uma especialização na forma como determinada sociedade historicamente se organiza, atingindo certo grau de desenvolvimento em que é necessário destinar atribuições específicas aos sujeitos para atingir objetivos comuns. Essa ideia é exposta por Marx (2017), que demonstra com precisão como as sociedades capitalistas estão fortemente organizadas em torno da constituição antagônica das classes que se situam contraditoriamente nessa relação de divisão social do trabalho.

A própria formação da família na sociedade burguesa conota a reprodução de certos aspectos da divisão social do trabalho e, na medida em que o capitalismo se desenvolve, certa divisão sexual do trabalho presente na organização familiar parece acentuar-se. (ENGELS, 2019). Mas isso não significa dizer que essa divisão entre atividades de homens e mulheres sempre esteve hierarquicamente estabelecida da forma como conhecida na sociedade capitalista, argumento que Engels (2019) também apresenta de forma bastante clara em "A origem da família, da propriedade privada e do Estado". Segundo o autor, a mulher esteve em algumas sociedades no passado - como nas sociedades "mais primitivas"<sup>12</sup> - em posições distintas de trabalho e valorização social. O que determina de certo modo essa posição e *status*, argumenta, é a forma como a produção e reprodução das condições materiais dessa sociedade está estabelecida e o que as atividades das mulheres representam nesse contexto geral.

No bojo dessa divisão social do trabalho, o capitalismo promove uma cisão com as formas produtivas anteriores, retirando dos artesãos e trabalhadores tanto o domínio do processo produtivo, quanto as condições para produzir. (MARX, 2017). Isso significa compreender, conforme demonstra Alves (2013), que as famílias, antes organizadas em uma forma quase imbricada entre produção e reprodução, ou seja, o trabalho envolvido na produção de itens para sua sobrevivência e o trabalho envolvido na garantia das condições necessárias a essa produção, passam a separar essas duas esferas, acentuando também certa distribuição entre atividades dos homens e das mulheres. Mas essa divisão baseada em atividades hierarquizadas em que o homem exerce atividades de maior prestígio e a mulher é relegada ao mundo doméstico, à família e às atividades de reprodução, resultam de um processo histórico que está imbricado com a ascensão da propriedade privada e do Estado. (ENGELS, 2019).

Se parece óbvio que a divisão sexual do trabalho não é exclusiva das sociedades capitalistas e aparece desde os índios Guayaki descritos por Clastres (2017) às famílias burguesas e proletárias da sociedade do capitalismo concorrencial estudada por Marx (2017), é importante situarmos historicamente essa divisão sobre a qual a Economia Doméstica do século XIX parece apoiar-se. As principais ideais vinculadas pelo projeto educativo parecem estar estabelecidas em torno dos dois elementos apresentados por Hirata e Kergoat (2007) como fundamentais para compreender a divisão sexual do trabalho: não só uma

separação clara entre o que é socialmente atribuído como trabalho de homem e trabalho de mulher, mas também uma distinção hierárquica bastante efetiva entre essas atribuições. Portanto, no processo de aguçamento da cisão entre público e privado promovido pelo capital, entre unidade de consumo e de produção, a separação entre atividades de homens e mulheres obedece a essa dicotomia, operando-se também uma hierarquização entre ambas. (ALVES, 2013). A Economia Doméstica debruça-se sobre essa divisão sexual do trabalho, marcada pelo contexto pós Revolução Industrial que, conforme demonstra Hobsbawm (2016, 2018), marcou um avanço desigual do capitalismo pelos países, sendo inicialmente mais acentuado na Inglaterra e difundindo-se só depois aos outros locais, caso dos EUA. Isso significa dizer que na época da emergência das ideias que constituíram a Economia Doméstica, os EUA não vivenciavam uma completa ruptura entre produção e reprodução, público e privado. Ainda era um país de traços fortemente agrários e, por isso, a divisão sexual do trabalho observada nesse conjunto de ideias está mais relacionada à mulher submissa ao marido, reclusa ao lar, dedicada à caridade e à Igreja, responsável pela pequena produção doméstica que era parte importante do abastecimento familiar, do cuidado com os filhos e enfermos.

Ainda há traços nessa divisão sexual do trabalho da casa enquanto unidade tradicional de produção (ALVES, 2013), sendo a hierarquização e separação aí observadas decorrentes mais do que Engels (2019) apresenta como constituição da própria família frente à propriedade privada, do que da cisão completa entre produção e reprodução que iria ocorrer nos EUA apenas algumas décadas mais tarde. Sobre essa perspectiva de rearranjo, destaca Perrot (2017, p. 187-188):

A economia política reforça essa visão das coisas, ao distinguir produção, reprodução e consumo. O homem assume a primeira e a mulher o terceiro, e cooperam na segunda. A concepção de uma economia doméstica feminina se desenha nos tratados do final do século XVIII e início do século XIX (...) A administração do orçamento é o pivô desse novo ramo da economia política. Mais tarde, no século XX, com a eletricidade e as "artes domésticas", a dona de casa se tornará uma espécie de engenheira, comandando as máquinas de uma cozinha-fábrica.

Não há nenhum dissenso acerca dessa origem ideológica. É bastante claro que, seja em seu formato no século XIX, ou em sua emergência enquanto *Home Economics* no século XX, todos os autores que se debruçam sobre o tema apontam a origem da Economia Doméstica em certos aspectos da divisão sexual do trabalho, refletida na naturalização das atividades femininas, e em certo vocacionalismo. A questão que se coloca é, por que a Economia Doméstica só surgiu enquanto proposta educativa em meados de 1800, se as ideias sobre as quais se ergueu não eram necessariamente um fenômeno típico do século XIX. Levantamos duas hipóteses provisórias: a primeira, de caráter sociopolítico. A série de convulsões sociais que se sucederam desde o século XVIII, descritas bem por Hobsbawm (2016), mudaram consideravelmente as estruturas sociais vigentes. Nos EUA, haveria ainda uma efervescente discussão política em torno da economia do país, de suas estruturas básicas

e do abolicionismo. Esse contexto sociopolítico fez, por um lado, surgir certo aguçamento em torno de uma suposta "harmonia social" e reestabelecimento das instituições sociais. A segunda, de caráter técnico. Com o desenvolvimento tanto da ciência, quanto das tecnologias, algumas áreas lograram bastante êxito no desenvolvimento de suas teorias e pressupostos. Caso que, conforme demonstra também Hobsbawm (2018), foi observado principalmente nas ciências exatas e biológicas no decorrer do século XIX. Isso significa dizer que havia condições materiais sólidas para promover uma ruptura entre aquele conhecimento sobre o espaço doméstico senso-comunizado e cotidiano e suas formas de transmissão. Existia, portanto, uma necessidade e, finalmente, as condições concretas de satisfaze-la.

Enquanto proposta educativa para mulheres, a Economia Doméstica consolidou-se em um formato pouco centralizado e condensado, representando ora uma posição política, ora um conjunto de conhecimentos técnicos aplicados a um contexto específico - o doméstico. Por isso, efetivou-se inicialmente pelas vias da educação não formal, em clubes de mulheres, clubes de jovens, manuais técnicos, revistas, jornais e cursos livres. Parece - embora seja pouco preciso afirmar com algum grau de confiabilidade - que também se efetivou por vias informais, uma vez que seu objetivo era o uso aplicado ao cotidiano imediato. Por isso, apresentava-se como uma construção também em torno da sistematização das tradições, que as autoras da área julgavam ter perdido historicamente a importância no seio das famílias.

Necessário perceber, no entanto, que a Economia Doméstica só pode estabelecer-se como instituição justamente no ponto em que se promove um distanciamento entre trabalho e educação no que concerne às atividades domésticas. A ruptura entre trabalho e educação é extrema no capitalismo, em que o caráter educativo - no sentido *lato* do termo - do trabalho é esvaziado, atribuindo a uma instituição específica a tarefa de educar os sujeitos das novas gerações para a integração social, tornando o trabalho por outra via alienado. (SAVIANI, 2007). Esse movimento de ruptura vai encontrar na escola o formato institucional mister para realizar-se, cooptando também o próprio processo educativo enquanto alinhado à disciplina para o trabalho alienado. (ENGUITA, 1989). Nos parece prudente afirmar que, o surgimento da Economia Doméstica, indica processo similar. Sua representa essa tentativa de retirar do seio da socialização no ambiente doméstico, do curso do cotidiano e das trocas geracionais a função de "transmissão" dos conhecimentos sobre essa prática. Beecher (1841) defende explicitamente a necessidade de arrancar do curso cotidiano esse processo educativo e atribuí-lo às instituições específicas, argumentando implicitamente que a complexificação da sociedade e o avanço nas distintas áreas do conhecimento tornaram problemático manter trabalho doméstico e educação para o trabalho doméstico como parte de uma certa práxis. Miss Parloa, outra pioneira referência na Economia Doméstica da época, faz parte de um movimento similar do final do século XIX em que a emergência dos "grupos de especialistas" figura como o de detentores da legitimidade desse processo de educação, porquanto não havia ainda obtido êxito em se tornar formal.



Esse formato institucional específico leva a crer que os materiais pelos quais se efetivou eram, em sua maioria, aqueles que pudessem assumir o formato de manual e publicações técnicas de ampla divulgação e alcance, visto que, ainda em fase embrionária, a Economia Doméstica tinha a intencionalidade de atingir um grande público, difundir-se e popularizar-se. A ausência - pelo menos até a última década do século XIX - de instituições expressivas espalhadas pelos EUA que ofertassem cursos da área também colocavam os manuais, jornais, revistas e periódicos em uma função central nesse papel de propagação das ideias.

Se o caráter "manualesco" era o marco central dos materiais, é de se esperar que os principais agentes da Economia Doméstica do século XIX fossem as autoras/autores<sup>2</sup> desses materiais. Pelo caráter não formal que possuía e pela forma específica de propagação das ideias, a figura do autor apresentava-se como principal agente de difusão da Economia Doméstica nesse primeiro formato. Esses agentes eram pouco legitimados pela formalidade, com excessão dos autores mais conhecidos que eram oriundos de campos distintos - a exemplo de Beecher, considerada uma educadora reformista.

No entanto, é importante lembrar que, em algum grau, pelo próprio caráter de aplicação cotidiana dos conteúdos sistematizados, a Economia Doméstica em seus primórdios também parecia efetivar-se nas práticas das próprias mulheres que, utilizando os conhecimentos apreendidos, acabavam por instituí-la em suas famílias, pequenos círculos familiares e comunidades. No ponto em que se tornava extremamente informal - ali onde a cisão educação e trabalho ainda não estava levada ao extremo, mas posta enquanto perspectiva - o principal agente dessa forma embrionária da Economia Doméstica era, de fato, a mulher que dela se apropriava e fazia novas adeptas à proposta. De certo que essa dimensão do agente pedagógico da Economia Doméstica não iria perdurar rumo ao final do século XIX, visto que o avanço da ciência do fim do século faria emergir certo culto às especialidades e aos assuntos dos especialistas. Mas parece importante destacar que essa forma inicial de efetivação da Economia Doméstica, conectada com o cotidiano e com os materiais e agentes difusos, foi fundamental para gerar as condições da proposta de *Home Economics* que apareceria no século XX.

Essas características nos levam a pensar que os elementos da prática dessa Economia Doméstica eram, portanto, bastante inespecíficos. Por ser uma instituição ainda difusa, pouco centralizada, as práticas eram pouco burocráticas e coercitivas. Estavam baseadas na difusão massiva de uma cosmovisão, inflamada por um conjunto de ideias similares. Mas, como ainda dependia de certo caráter autopositivo para realizar-se - ou seja, as mulheres deveriam se interessar pelo conteúdo para submeterem-se aos procedimentos de apreendê-lo - entende-se que a prática dessa Economia Doméstica do início do século XIX era, ao que tudo indica, apenas um conjunto de fragmentos e posições dispersas. Fragmentos, no entanto, fortes o suficiente para encontrar no final do século XIX e início do século XX força político-ideológica para sistematizar o ensino de Economia Doméstica em variados formatos que integrariam estratégias de educação formal e não formal ao redor do mundo.

## CONCLUSÕES

A análise específica de “A Treatise On Domestic Economy”, de Catherine Beecher, permitiu apreender os principais elementos envolvidos na gênese da Economia Doméstica enquanto uma proposta educativa especificamente voltada às mulheres em meados do século XIX.

Os elementos presentes na obra de Beecher, considerada a pioneira no lançamento de um projeto de Economia Doméstica que foi mais tarde difundido pelo mundo, auxiliam a compreender tanto as nuances históricas do surgimento dessa proposta quanto as principais ideias em torno das quais orbitava. Foi possível perceber que a Economia Doméstica emergiu como um resultado das condições socioeconômicas específicas que os EUA vivenciavam na segunda metade do século XIX, refletindo tanto as agitações sociais e econômicas pelos quais o país passava, quanto um estágio específico do capitalismo em que diversas instituições sociais e práticas culturais passavam a ser tensionadas: entre elas a família nuclear burguesa e a divisão sexual do trabalho que a orbitava.

O projeto educativo inicialmente preconizado para a Economia Doméstica, portanto, marca a inconstância de uma sociedade em profundas mudanças, cuja tentativa de retornar às divisões previamente estabelecidas e a um modelo de produção e reprodução doméstica imbricados demonstra bem. Esse modelo inicial teria relativa popularidade até o fim do século, quando a instituição *dos Land-Grant Colleges* nos EUA modificaria expressivamente a proposta, incluindo-a ao lado das ciências agrárias como parte do ensino formal difundido por essas instituições.

Refletindo sobre os elementos presentes na obra de Beecher, uma marca importante da perspectiva moral e política de educação para mulheres dos EUA à época, é possível compreender diversas nuances históricas daquele que seria o projeto de Economia Doméstica mais amplamente difundido pelo mundo: seu formato *Home Economics*. Analisando os elementos de “*A Treatise...*”, é possível perceber que a proposta “reformulada” a partir da virada do século manteria muitos dos elementos originalmente propostos pela reformista estadunidense, entre eles o vocacionalismo das atividades femininas, uma noção funcionalista da divisão social do trabalho e o elemento aglutinador em torno dos “papeis naturais da mulher” no doméstico. Esse movimento auxilia a compreender, portanto, o projeto educativo de Economia Doméstica que apareceu no Brasil somente décadas mais tarde, a partir de 1952, sob o discurso de implantação de uma Ciência Doméstica para a “modernização” dos lares brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. E. S. A. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 271–289, 2013.

AMERICAN HOME ECONOMICS ASSOCIATION. **Lake Placid Conference proceedings**: v. 1-3, 1901.

BEECHER, C. E. **A treatise on Domestic Economy** - for the use of young ladies at home and school. New York: Harpers & Brothers, 1841.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade do privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola** - educação e trabalho no capitalismo. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HEGGESTAD, M. What is Home Economics? **Mann Library**, Cornell University, 2005.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOBBSAWN, E. **A era do capital (1848-1875)**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

LOPES, M. de. F. **O sorriso da paineira**: construção de gênero em uma Universidade Rural. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

LOURO, G. L.; MÉYER, D. A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). **Cadernos de Pesquisa**, n. 87, 1993.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política - Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

OLIVEIRA, A. C. M. Economia doméstica: origem, desenvolvimento e campo de atuação profissional. **Vértices**, v. 8, n. 1, 2006.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, M. **Os excluídos da história** - operários, mulheres e prisioneiros. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PINHEIRO, C. F. **Estado, extensão rural e economia doméstica no Brasil (1948-1974)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 2, n. 34, 2007.

SIMÃO, F. L. R. **Ser mulher, “uma missão”**: Escola Superior de Ciências Domésticas, domesticidade, discurso e representações de gênero (1948-1992). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

UNITED STATES GOVERNEMENT. **Act of July 2**, (Morrill Act), Public Law 37-108, which established land grant colleges, 07/02/1862; Enrolled Acts and Resolutions of Congress, 1789-1996. 1862.

**AUTORIA:**

\* Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Profissional de extensão rural no Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IAPAR-EMATER). Contato: jcamaral1987@gmail.com.

\*\* Doutorado em Educação Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora aposentada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contato: ana\_alves183@hotmail.com

**COMO CITAR ABNT:**

AMARAL JUNIOR, J. C. do; ALVES, A. E. S. Elementos para a construção de uma gênese do ensino de economia doméstica: “a treatise on domestic economy” de Catherine Beecher. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-18, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8658830. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658830>. Acesso em: 01 jun. 2021.

**Notas**

- <sup>1</sup> Esse trabalho apresenta elementos parciais da tese “A Pedagogia do Doméstico: uma memória apreendida da síntese dialética entre Economia Doméstica e extensão rural”.
- <sup>2</sup> Conforme também apresenta Oliveira (2006).
- <sup>3</sup> Em tradução livre: “Os princípios da democracia, então, são idênticos aos princípios do cristianismo”.
- <sup>4</sup> Em tradução livre: “a educação apropriada de um homem decide o bem-estar de um indivíduo, mas eduque uma mulher, e os interesses de toda a família são garantidos”.
- <sup>5</sup> Beecher se refere às mulheres “americanas” (*american women*). No entanto, por uma questão política, optamos por abordar como estadunidenses, mesmo que esse não seja o termo usado pela autora.
- <sup>6</sup> Em tradução livre: “Nenhuma mulher na terra tem um senso mais alto de suas responsabilidades morais e religiosas, ou melhor entende, não apenas o que é exigido delas, como governantas, mas todas as reivindicações que repousam sobre elas como esposas, mães e membros de uma comunidade social. Uma mulher americana, que é senhora de uma família, sente suas obrigações, em referência à sua influência sobre o marido, e uma responsabilidade ainda maior em criar e educar seus filhos. Ela sente, também, o crédito que os interesses morais de seus domésticos têm sob seu cuidado vigilante. Na vida social, ela reconhece as exigências de hospitalidade e de visitas amigáveis. Sua responsabilidade, em referência às instituições de benevolência e religião, está profundamente realizada”.
- <sup>7</sup> Discordamos da perspectiva de “micropoder” feminino apresentado pela autora e de sua abordagem pós-moderna sobre a condição feminina, no entanto, reconhecemos que dois de seus livros “Minha história das mulheres” (2019) e “Os excluídos da história - operários, mulheres e prisioneiros” (2017) como importantes do ponto de vista de elucidar alguns elementos históricos sobre a mulher nos séculos XIX e XX.

---

<sup>8</sup> Em tradução livre: “Sobre acordar cedo”.

<sup>9</sup> Em tradução livre: “Sobre as maneiras domésticas”.

<sup>10</sup> Em tradução livre: “Sobre hábitos sistêmicos e ordem”.

<sup>11</sup> Em tradução livre: “Ela tem um marido, a cujos gostos e hábitos peculiares ela deve se acomodar; ela tem filhos, cuja saúde ela deve guardar, cujas constituições físicas ela deve estudar e desenvolver, cujo temperamento e hábitos ela deve regular, cujos princípios ela deve formar, cujas buscas ela deve dirigir. Ela está constantemente mudando os “domésticos”, com todas as variedades de temperamento e hábitos, a quem ela deve governar, instruir e dirigir; ela é obrigada a regular as finanças domésticas e a adaptar constantemente os gastos aos meios e às reivindicações relativas de cada departamento. Ela tem a direção da cozinha, onde a ignorância, o esquecimento e o constrangimento devem ser regulados de tal forma que as várias operações começarão na hora certa e todas estarão completas na mesma hora determinada. Ela tem as reivindicações da sociedade para atender, chamadas para receber e retornar, e os deveres de hospitalidade para sustentar. Ela tem os pobres para aliviar; sociedades benevolentes para ajudar; as escolas de seus filhos para inquirir e decidir sobre; o cuidado do doente; a enfermagem da infância; e a infinita miscelânea de itens estranhos, constantemente recorrendo em uma grande família”.

<sup>12</sup> Entendemos aqui o limite do termo utilizado por Engels ao designar formas de organização social que antecederam a sociedade feudal e a sociedade capitalista. No entanto, optamos por manter a terminologia fazendo as devidas ressalvas.